

Brasília estréia com tiros no escuro

DF
Eleição CORREIO BRAZILIENSE
tiros no escuro

JEOVÁ FRANKLIN
Da Editoria de Política

Pelo que se pinta por aí, a maratona candanga, ainda na fase de aquecimento, em busca da futura Assembléia Nacional Constituinte promete lances de muita emoção, jogo de cintura e muito tiro no escuro para compensar o vazio de mensagens políticas.

As escaramuças de caça ao voto, até agora reveladas, pintam um quadro muito próximo de comédia mal ensaiada, onde os atores parecem não dominar seu papel, não saber que espaço ocupar em cena, nem ter o que dizer à platéia.

A maioria dos candidatos iniciou, como livres atiradores, sua campanha política armados de camisetas coloridas, adesivos, cartazes, folhetos e os santinhos, enquanto quase todos os partidos não definiram institucionalmente ainda que estratégia adotar para sensibilizar e conquistar o eleitor.

Sem conhecer o perfil do experiente eleitor candango, os candidatos gastam a esmo cara munição. A disputa vai ser acirrada. Devem sobrar cerca de cinco mil votos válidos por candidato registrado no Tribunal Regional Eleitoral, enquanto, para se cruzar a faixa de chegada à Assembléia Nacional Constituinte, o candidato vai precisar contar no mínimo com o rateio de 60 mil votos (total de votos obtidos pelos partidos ou coligações divididos pelo número de candidatos).

E pelos tiros já disparados a esmo, fica a impressão de que a futura Assembléia Nacional constituinte deve funcionar como quer-messe, festa de caridade ou hospital de mazelas sociais do País. Prometem, na Constituinte extirpar do mapa brasileiro os problemas das "pobres criancinhas desamparadas", da velhice desprotegida e até das mães solteiras.

A Ceilândia, recordista em mortalidade infantil, é alvo fácil dos vendedores de ilusão. Para lá se dirige a mira dos quase 300 candidatos dos 22 partidos políticos de Brasília, embora a cidade-satélite tenha votos suficientes para eleger no máximo um senador (se votar em peso num só nome) e dois deputados federais.

Já o Plano Piloto, de nível cultural e político mais alto, recordeira em renda per capita do

11 AGO 1986



Maurício Corrêa

País, está sendo menos visado pelos livres atiradores, embora tenha na prática o mesmo ou maior peso eleitoral que a Ceilândia. A primeira zona eleitoral (que inclui, além do Plano Piloto, o Lago Norte e Sul) deverá exigir menos perfumaria e mais densidade política das mensagens eleitorais.

A pulverização de tipos sobre a Ceilândia reduz a dimensão política do núcleo habitacional mais pobre e mais populoso do Distrito Federal, deslocando o papel de "pêndulo eleitoral" para o privilegiado e elitista eleitorado do Plano Piloto, tido como insensível a mensagens tipo "o homem das cadeiras de roda", distribuidores de "amostras grátis", de pão, de leite e de circo. Ninguém se arrisca a dizer para que lado ele vai pender, mas é de se esperar que pelo seu papel de filtro, a primeira zona eleitoral vai concentrar a votação em pequeno número de candidatos.

Entré os extremos sociais, Ceilândia e Plano Piloto, está a síntese de um país que não encontrou seu ponto de equilíbrio e que corre o sério risco de ter apenas em sua nova Carta Magna as mudanças necessárias apenas para que as coisas continuem como estão.